

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
26 e 28 de Setembro de 2020

LA COMÉDIE DU TRAVAIL / 1987

Um filme de Luc Moullet

Realização e Argumento: Luc Moullet / Direcção de Fotografia: Richard Copans / Som: Patrick Frédérick / Montagem: Françoise Thévenot / Interpretação: Roland Blanche (Benoit Constant), Sabine Haudepin (Françoise Duru), Henri Déus (Sylvain Berg), Antonietta Pizzorno (mulher de Benoît), Jean Abeillé (requerente de empréstimo), Max Desrau (o velho ciclista), Claude Merlin (empregado da ASSEDIC), Michel Delahaye (chefe da ANPE), Françoise Vatel (amiga de Françoise), Benjamin Chedal (filho de Benoît), Olivier Hamel (director do banco), Maurice Chevit (o velho desempregado), Jacques Nolot (um desempregado), Noel Simsolo (o cura), Paulette Dubost (livreira), etc.

Produção: La Sept – Les Films d’Ici – Vidéo 13 Productions / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

A sessão de dia 28 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

“Sente-se, em *La Comédie du Travail*, um diálogo entre Marx e Marx, como se Karl tivesse encontrado Groucho” - foi com esta frase que Antoine de Baecque concluiu a sua recensão do filme que vamos ver, publicada nos *Cahiers* de Março de 1988. E é seguramente uma boa maneira de descrever um filme sempre desconcertante, que funciona como se o seu “centro” – o seu tema, o seu tom, a sua seriedade, o seu humor – estivesse sempre a ser “arremessado” de um lado para outro. Por isso, pegando na imagem sugerida por De Baecque, arriscamo-nos a modificá-la um bocadinho e a dizer que mais do que um diálogo, *La Comédie du Travail* parece um jogo de pingue pongue entre os dois Marx acima referidos. A bola nunca pára muito tempo em nenhum dos campos, e se não fosse Luc Moullet a pôr fim ao jogo (provavelmente declarando um empate técnico) é de crer que o duelo se prolongasse eternamente.

O humor peculiar de Luc Moullet – peculiar porque lhe parece sempre faltar a “punchline”, como se em cada “gag” coubesse sempre um final em aberto - encontra aqui uma temática de raiz fortemente “social”: o desemprego, nem mais nem menos. Tema cheio de tradições um pouco por todo o lado, em especial num cinema francês que nunca deixou de ter um espaço para as ficções “proletárias” e “realistas”. Mas, escusado será dizer, a abordagem de Luc Moullet é tudo menos tradicionalista; pelo humor, pelo cepticismo, pela irrisão. *La Comédie du Travail* é um filme que parece estar sempre “do lado de fora”, dum lugar distanciado onde se tem um ponto de vista (outra a vez a metáfora do pingue pongue, se se quiser) sobre um “jogo” que esse ponto de vista ajuda a tornar (ainda mais) absurdo. De certa forma, o que está em causa é

menos o desemprego em si mesmo, tomado como um tema, mas a maneira como a sociedade e os seus mecanismos *incorporam* o desemprego dentro do seu tecido - ou por outras palavras, a maneira como o desemprego se tornou uma das *regras do jogo*, se tornou parte do *sistema* (recuperando com esta palavra outra expressão de De Baecque). Neste sentido, um dos diálogos mais divertidos e que mais longe vai quer na caracterização absurda do dito sistema quer no aprofundamento das qualidades subversivas do olhar de Moullet é aquele em que o patrão da agência de emprego explica à sua funcionária (acusada de encontrar “demasiados” empregos àqueles que a ela recorrem) que, “se o desemprego acabasse por inteiro, isso só geraria mais desemprego: as agências fechariam, as secções de pequenos anúncios nos jornais perderiam clientes, os jornais teriam quebras de vendas, vender-se-iam menos envelopes e menos selos, os correios teriam uma quebra no negócio...” e etc. etc... O desemprego como uma “pequena indústria”, eis o cúmulo da irrisão operada por Moullet.

De resto, as próprias palavras, a terminologia muito específica (e muito eufemística) com que estas questões costumam ser abordadas pelas instâncias político-sociais que representam o poder, também é um dado a “desconstruir”. Repare-se naquele momento em que, pressurosamente, o homem da agência explica ao desempregado que não, ali não usam nunca a expressão “chômeur” (desempregado), mas antes “demandeur d’emploi” (“requerente de emprego”)... Aliás, num dos pormenores que mais parecem fazer notar a influência de Tati sobre Moullet, mais do que uma vez se podem ver uns cartazes plantados à beira da estrada anunciado que “o Estado investiu aqui” – no que é outra alusão mordaz à maneira como as palavras são usadas politicamente como um mecanismo de sedução.

No seu registo subversivo que o percorre de uma ponta a outra, é a própria confusão entre “trabalho” e “emprego” que é, digamos assim, desmistificada. O “desempregado” profissional (perdão, “demandeur d’emploi”) que leva a rapariga da agência a praticar a sua actividade preferida (o montanhismo) força-a a reconhecer: “não queres trabalhar, mas isto é mais duro do que qualquer trabalho”. Já não estamos, portanto, na estrita lógica do “social”, já não é só uma questão de “emprego” mas, como diria Laurent Cantet no filme homónimo, de “emprego do tempo”, num sistema que só reconhece como “trabalho” a actividade que é remunerada - e o corolário, espelhado na história do bancário, é que é a remuneração que é decisiva, ou pelo menos o tempo de desconto para a segurança social (e por isso ele fica tão contente, “tão bem na sua pele”, quando no final é condenado a vinte anos de prisão). Paródia do sistema laboral, dos seus estatutos e dos seus mecanismos, **La Comédie du Travail** pisca o olho ao “parasitismo”, àqueles que aproveitem a dinâmica desse sistema para o virarem a seu favor, como que habitando os seus “buracos”.

Luís Miguel Oliveira